

Daniela Dumaresq

Universidade Federal do

Ceará – UFC

Université Paris 1 Panthéon-

Sorbonne

Email:

danieladumaresq@ufc.br



Este trabalho está licenciado sob
uma licença [Creative Commons
Attribution 4.0 International
License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Copyright (©):

Aos autores pertence o direito
exclusivo de utilização ou
reprodução

ISSN: 2175-8689

Salvação e vertigem no discurso cinematográfico:

A sessão parlamentar de 17 de abril de
2016 nos filmes *Não Vai Ter Golpe!* e
*Democracia Em Vertigem*¹

Salvation and vertigo in film discourse:
The parliamentary session of April 17, 2016 in
the films *Não Vai Ter Golpe!* and *The Edge of
Democracy*

Salvación y vértigo en el discurso
cinematográfico:
La sesión parlamentaria del 17 de abril de
2016 en las películas *Não vai Ter Golpe!* y
Democracia em Vertigem

Dumaresq, D. Salvação e vertigem no discurso cinematográfico: A sessão parlamentar de 17 de abril de 2016 nos filmes *Democracia em vertigem* e *Não vai ter golpe!*. *Revista Eco-Pós*, 26(01), 268–296.
<https://doi.org/10.29146/eco-ps.v26i01.28034>

¹ Este artigo é parte da pesquisa de pós-doutorado "Imagens da história: o impeachment da presidenta Dilma Rousseff visto pelo cinema documentário", em andamento na Université Paris 1 Panthéon-Sorbonne, com supervisão de Sylvie Lindeperg, a quem agradeço a acolhida. Agradeço ainda a Luciana Lobo Miranda e Michel Renan Rodrigues de Andrade, com quem tenho tido importantes conversas sobre os filmes em estudo.

RESUMO

O artigo apresenta uma análise comparativa dos filmes *Não Vai Ter Golpe!* e *Democracia em Vertigem* centrada na observação da sessão da Câmara dos Deputados de 17 de abril de 2016, que autorizou a abertura de processo por crime de responsabilidade contra a presidenta Dilma Rousseff. O objetivo é traçar as relações entre o debate público e o discurso cinematográfico. Para tanto observou-se a construção audiovisual dos argumentos apresentados pelos deputados, articulando-os com pesquisas em ciências humanas sobre os temas abordados e análise de arquivos da Câmara dos Deputados. Este trabalho busca contribuir para a reflexão cinematográfica de uma história do presente.

PALAVRAS-CHAVE: *Impeachment; Cinema Brasileiro; Cinema e História; Extrema-direita; Democracia.*

ABSTRACT

The article presents a comparative analysis of the films *Não vai ter golpe!* and *The Edge of Democracy* centered on the observation of the session of the Lower House on April 17, 2016 that authorized the opening of the impeachment against President Dilma Rousseff. The goal is to trace the relations between public debate and filmic discourse. To do so, the audiovisual construction of the arguments presented by the deputies was observed, articulating them with research in human sciences on the themes addressed and analysis of the archives of the Congress. This work seeks to contribute to the cinematographic reflection of a history of the present.

KEYWORDS: *Impeachment; Brazilian Cinema; Cinema and History; Far-right; Democracy.*

RESUMEN

El artículo presenta un análisis comparativo de las películas *Não vai ter golpe!* y *Democracia em Vertigem* centrado en la observación de la sesión de la Cámara de Diputados del 17 de abril de 2016 que autorizó la apertura del proceso por crimen de responsabilidad contra la presidenta Dilma Rousseff. El objetivo es rastrear las relaciones entre el debate público y el discurso cinematográfico. Para ello, se observó la construcción audiovisual de los argumentos presentados por los diputados, articulándolos con investigaciones en ciencias humanas sobre los temas abordados y análisis de archivos de la Cámara de Diputados. Este trabajo busca contribuir a la reflexión cinematográfica de una historia del presente.

PALABRAS CLAVE: *Impeachment; Cine Brasileño; Cine e Historia; Extrema derecha; Democracia.*

Submetido em 08 de março de 2023

Aceito em 18 de maio de 2023

Introdução

A história recente do Brasil está marcada pela efervescência política que ocupa as ruas e as redes sociais, cujo marco inicial remonta às manifestações de 2013. Fato chave desse período foi a destituição da presidenta Dilma Rousseff do Partido dos Trabalhadores (PT), em 31 de agosto de 2016 pelo Senado Federal. Esse fato engendrou dois grandes modos de analisá-lo: o que entende que o processo cumpriu as exigências legais previstas na Constituição Federal (portanto o *impeachment* foi legítimo) e o que entende que o crime de responsabilidade não se comprovou (portanto houve um golpe). Foi nesse ambiente conflitivo que alguns documentaristas se viram impelidos a filmar na urgência e a elaborar seus próprios argumentos. Como escreveram Andréa França e Patrícia Machado (2019), "o processo do *impeachment* deslançou a realização de filmes como nenhum outro evento no país", o que certamente foi facilitado pelas novas mídias. Realizados e lançados no calor dos acontecimentos, os filmes são também peças de um tabuleiro onde se disputa a construção do discurso histórico.

Desse universo de filmes, escolhi analisar dois que apresentam visões opostas das ações que estavam em curso, observando e comparando como construíram cinematograficamente a votação do dia 17 de abril de 2016, quando a Câmara dos Deputados autorizou a abertura de processo de cassação da presidenta por crime de responsabilidade, a partir de denúncia feita por Janaina Conceição Paschoal, Hélio Pereira Bicudo e Miguel Reale Júnior. Os filmes a serem analisados são *Não Vai Ter Golpe!* (Alexandre Santos e Fred Rauh, 2019) e *Democracia em Vertigem* (Petra Costa, 2019). O primeiro foi produzido pela MBL Filmes, produtora do Movimento Brasil Livre, organização favorável ao *impeachment* e que se apresenta como protagonista do processo de destituição da presidenta. O segundo é o filme de maior alcance de público e crítica, no universo dos filmes documentários que abordam a temática aqui tratada, e apresenta o argumento do risco para a democracia do país diante dos acontecimentos da recente história brasileira. O objetivo da análise é refletir sobre como os filmes mostram os votos dos deputados de modo a estabelecer uma relação com o debate público em torno da destituição da presidenta Dilma Rousseff.

A sessão de votação dos deputados configura um evento chave do período por ter sido capaz de expor as disputas em jogo para além dos argumentos apresentados na denúncia e diante de grande audiência. Naquele dia, os trabalhos do legislativo mobilizaram a atenção da população ao extravasarem o espaço dos profissionais da política. Cada deputado dispunha de alguns segundos para justificar o voto. Trabalho dos pesquisadores Reginaldo Prandi e João Luiz Carneiro (2017) mostra que as justificativas mais frequentes foram "pela base eleitoral do deputado" (62,8%), "pelo Brasil" (38,2%) e "pela família e parentes do deputado" (26,6%); e ainda que 9% dos deputados citaram Deus em suas falas. Os autores associaram as referências à cidade, à região ou ao estado de origem dos deputados a um aceno à base eleitoral, o que certamente o era. Mas nesse argumento permanece uma ideia de pátria, como povo de um lugar. Em sentido militar, a pátria diz respeito ao espaço (terrestre, aéreo e marítimo) e às instituições que garantem o funcionamento do Estado (Bobbio, 1998, p. 505), e nesse sentido liga-se ao Estado Brasileiro. No entanto, a prevalência do uso da preposição "por" nos argumentos, sugere que os votos remetem tanto a ideia de "representatividade" significando "voto em lugar do meu eleitor", quanto de "razão", "voto em benefício do meu eleitor" — e aqui se aproxima da ideia de defesa e proteção de um povo. Parece-me haver aqui uma superposição de significados que religa a defesa do "meu lugar" à defesa de uma ideia de "pátria". Fica claro, tanto no estudo de Prandi e Carneiro quanto ao assistir a íntegra da sessão disponível no Portal da Câmara dos Deputados, que no dia 17 de abril de 2016 não estava em julgamento um crime de responsabilidade, mas a defesa de uma ideia de país, de povo e de família. Ou dito de modo mais claro, aquele dia mostrou ao país o avanço da direita e da extrema-direita no debate público e nos espaços de poder.

Neste artigo, discuto como cada filme constrói os eventos do 17 de abril e se relaciona com a ideia de país que emerge dos votos dos deputados, com atenção aos argumentos favoráveis à destituição da presidenta. Para tanto proponho o diálogo dos estudos de cinema com pesquisas e reflexões sociológicas e históricas, com o objetivo de desenvolver uma análise fílmica que combina a análise da construção formal e a interpretação dos sentidos sociais do filme. A inspiração metodológica vem dos trabalhos de Marc Ferro (1992) e Pierre Sorlin (1977). Como escreveu Sylvie Lindeperg (2013, p. 11, tradução nossa), a imagem filmada "em

sua fragilidade, suas imperfeições, suas lacunas, abre caminho a uma história do olhar e do sensível inscrito o mais próximo possível dos corpos daqueles que engendram o acontecimento, sejam atores, testemunhas ou vítimas". Importante acrescentar que tenho a consciência de que estamos no terreno de uma história do presente ao pensarmos nesses eventos recentes cujos desdobramentos estão em curso. Como observou Michèle Lagny (2012, p. 24), o audiovisual é "fonte para uma história imediata, primeiro esboço de relato do presente no presente". Os filmes são registros dos eventos, mas também discursos sobre a história, de modo que abrem acesso às imagens e aos sons e permitem o mergulho do analista nessa temporalidade elástica que se estende do tempo do evento ao tempo do olhar; além disso, são formas discursivas que dizem dos modos de analisar os acontecimentos no momento mesmo em que se produziam.

1. Os agentes na concepção e realização dos filmes

Antes de analisar como os filmes organizam os votos do 17 de abril, considero importante indicar o terreno sobre o qual eles foram concebidos e realizados. Os filmes inscrevem-se em distintas tradições de produção audiovisual e apresentam diferentes objetivos declarados. *Não Vai Ter Golpe!* é uma produção da MBL Filmes, ligada a um grupo ativista e se assume como filme militante. Para o título do filme, o MBL apropria-se de uma palavra de ordem dos defensores da permanência de Dilma na presidência e transfigura o grito de resistência em afirmação da institucionalidade do processo de destituição. *Democracia em Vertigem* é uma produção da Busca Vida Filmes em associação com Violet Films. Esta, uma produtora inglesa que afirma, em seu site, ter no coração de seus projetos a justiça social². Os trabalhos anteriores de Petra Costa dialogam mais com a tradição poética do que militante do cinema, mesmo quando falam de política. Em seu filme *Elena*, o passado de militância e clandestinidade de seus pais diz da autorreferência no modo de construção do filme e do diálogo estético que estabelece com uma tradição cinematográfica que se fortalece a partir da

² Violet Films. Disponível em: <<https://www.violet-films.com/about>>. Acesso em: 09 jun. 2023.

passagem dos anos 1970-80 (Rodrigues, 2020). A seguir, na busca de pistas sobre as ambições políticas e artísticas de cada filme, faço algumas reflexões sobre os atores sociais que regem a concepção e a realização dos filmes.

1.1. Não Vai Ter Golpe!

Alexandre Santos e Fred Rauh assinam a direção de *Não Vai Ter Golpe!*, o primeiro longa metragem da MBL filmes. Assim como a direção, as principais funções de criação e realização são assumidas por integrantes do Movimento Brasil Livre. Também se observa uma coerência estética e argumentativa entre essa e as demais produções com a assinatura do grupo. Desse modo, entendo ser relevante compreender as ideias e o *modus operandi* do MBL para melhor compreender *Não Vai Ter Golpe!*.

A organização iniciou sua trajetória apresentando-se como um grupo de militantes de direita, independentes e apartidários, mas ainda nas eleições de 2016 lançou candidatos e elegeu vereadores e um prefeito, passando a se autodesignar como movimento suprapartidário. No vídeo *O que é o MBL*³, um de seus fundadores, Renan Santos, afirma que o grupo faz política "dentro e fora dos espaços institucionais", mas não há referências partidárias. O modelo de gestão do grupo é marcado por lacunas e falta de transparência. Não se sabe ao certo qual sua forma de organização, de que estrutura dispõe, quantos membros participam, qual a penetração nos diferentes estados brasileiros ou como se dá seu financiamento. Essa obscuridade já foi objeto de reportagens como a do jornal *El Pais* (Renovação..., 2017) sobre a administração dos recursos financeiros da organização por uma empresa privada, que tem entre os sócios os irmãos Alexandre e Renan Santos — o primeiro é um dos diretores do filme e o segundo é creditado como redator. A jornalista Marina Amaral (2015) apontou a relação do MBL com grupos da direita internacional e possível financiamento de fundações americanas ligadas aos Koch Brothers. A professora Débora Messenberg (2017) observou a unidade de ideias e bandeiras dos diferentes grupos da direita brasileira, o que

³ *O que é o MBL*. Disponível em: <<https://youtu.be/pNoJ2f3qAgg>> Acesso em: 14 jun. 2023

corroborar a hipótese de conexões com a direita internacional. São muitas as perguntas sem respostas quando procuramos compreender as formas de organização e financiamento do grupo. A análise das campanhas em que o MBL atua permite respostas menos obscuras quando procuramos compreender o pensamento da organização.

Depois da forte atuação na campanha que culminou com o golpe da presidenta Dilma Rousseff, o MBL se dedicou ao ativismo em frentes polêmicas e conservadoras como "Escola sem Partido", e marcadas por noções como "Ideologia de gênero" e "Marxismo cultural". Com técnicas já conhecidas e testadas pelo jornalismo sensacionalista, o grupo tem sua presença nas redes sociais marcada pela disseminação de pavor e o recurso ao pânico moral. Nesse espírito, destaca-se a campanha contra o *Queermuseu*, exposição pensada para a promoção da diversidade, e abrigada pelo Espaço Santander Cultural, em Porto Alegre, no segundo semestre de 2017 (Balieiro, 2022). Em típico discurso apoiado no pânico moral, a intensa campanha promovida pelo MBL acusava a exposição de blasfêmia, e promoção de pedofilia e zoofilia. Em meio à polêmica, o Santander preferiu cancelar as atividades do *Queermuseu*, confirmando o lugar de força que o pânico moral assumiu no debate público nacional e o protagonismo que o MBL havia construído. No entanto, ao longo do governo Bolsonaro, o grupo foi eclipsado por atores da extrema-direita que, além de antipetismo, neoliberalismo e conservadorismo, somam à agenda o uso mais intenso de ideias complotistas e a defesa do militarismo como forma de proteção ao que veem como ameaça.

A disseminação do pânico moral configura-se como uma técnica que se apoia em estética sensacionalista ao sublinhar aspectos que possam causar comoção e adicionam aos fenômenos significados que sugerem ameaças e reforçam o medo. Ao analisar vídeos produzidos pelo MBL e postados em sites de redes sociais (SRS), Adil Giovanni Lepri (2020, p. 96) observa como "tradições e matrizes excessivas que privilegiam o mostrar e o sentir" caracterizam a produção audiovisual do grupo, seja nas tomadas em direto que valorizam a tensão no interior do quadro, seja nas encenações que não se furtam a realizar paródias polêmicas ou nas formas de montagem e pós-produção. A pesquisa de Pedro Brodbeck e Kelly Prudencio (2022) aponta nessa mesma direção ao analisar vídeos do MBL no *YouTube*. A dupla destaca a presença de "linguagem de tabloide" e "exclamações emocionalmente carregadas"

(Brodbeck; Prudencio, 2022, p. 279). A experiência da militância nas redes sociais e o consequente desenvolvimento de uma estética da lacração, para usar o termo que atualiza o sensacionalismo nos tempos de SRS, são características presentes no filme *Não Vai Ter Golpe!*.

O filme teve um lançamento alternativo. A passagem por salas de cinema foi financiada pelo próprio grupo que alugou espaços para isso (Miguez, 2019). O grupo também colocou o filme para aluguel e venda em plataformas como *iTunes*, *Now* e *Google Play*. A *Netflix*, que produziu e distribuiu internacionalmente *Democracia em Vertigem*, não se interessou por ele. Mais tarde, *Não Vai Ter Golpe!* entraria para o catálogo da *Amazon Prime*.

1.2. *Democracia em Vertigem*

Dentre os filmes que abordam a destituição da presidenta Dilma Rousseff, *Democracia em Vertigem* é o de maior repercussão. Ele teve estreia internacional no *Sundance Film Festival* em janeiro de 2019 e lançamento internacional pela *Netflix* em junho de 2019. Em janeiro de 2020, foi confirmado entre os indicados ao Oscar de melhor documentário. Artigo publicado no jornal *Folha de S. Paulo*, com o título “Indicação do documentário político de Petra Costa ao Oscar incendeia o Twitter” (Marsiglia, 2020) oferece uma mostra do interesse que o filme despertou.

Democracia em Vertigem é o terceiro longa-metragem de Petra Costa. Seu estilo é marcado pela inscrição de si no tecido do filme. *Elena* (2012), filme autobiográfico, mergulha nas relações e memórias da realizadora, sua mãe e sua irmã, a Elena do título que morreu aos 20 anos em decorrência de uma crise de depressão. Em *Democracia em Vertigem*, a realizadora experimenta o estilo intimista e emotivo para falar da sua forma de experienciar os acontecimentos políticos recentes do Brasil, especialmente o que se passa entre as eleições de Lula em 2002 e a de Bolsonaro em 2018. Em sua narrativa, esses acontecimentos se conectam a experiências passadas de seus familiares ou reflexões sobre momentos históricos que remontam principalmente aos anos da ditadura civil-militar. No filme, o privado e o público relacionam-se de múltiplas maneiras, em parte porque a realizadora se coloca como cidadã afetada pelos eventos da macro-história, em parte porque sua família participa do centro do

poder, pois seu avô, Gabriel Andrade, foi cofundador de uma das maiores empresas do país, a Andrade Gutierrez.

De modo sintético, o filme apresenta o seguinte ponto de vista diante da história: houve uma união de forças entre diferentes setores e/ou atores da sociedade para promover a queda de Dilma Rousseff e a saída do Partido dos Trabalhadores (PT) da cena política; isso resultou na destituição de uma presidenta eleita, na prisão de um ex-presidente e culminou na eleição do candidato da extrema-direita; esse conjunto de acontecimentos jogou a democracia em vertigem. A visibilidade internacional alcançada pelo filme potencializou o debate no Brasil em torno desse ponto de vista. Tanto o filme quanto a realizadora passaram a ser analisados e julgados a partir do alinhamento político de quem falava. O episódio que mais chama atenção é a publicação no perfil da Secretaria de Comunicação do Governo Federal, e, portanto, utilizando recursos públicos, para acusar a cineasta de propagar notícias falsas (Betim, 2020). O debate em torno da repercussão do filme no Brasil foi analisado pelos pesquisadores Juliano Vasconcelos Magalhães Tavares e Teresinha Maria de Carvalho Cruz Pires (2022), em artigo que confronta os argumentos do influenciador digital de direita Caio Coppolla. Já as pesquisadoras Natalia Negretti, Rosemary Segurado e Tathiana Chicarino (2020) refletem sobre as relações entre política e emoção a partir da análise do filme e do debate público por ele suscitado. Para as autoras, *Democracia em Vertigem* "é uma obra autoral e documental, que revela e convida sentimentos. Tais índices [política e emoção] confrontam também a clássica divisão sentimento/pensamento" (Negretti, Segurado e Chicarino 2020, p. 20-21).

Não sendo um filme militante, *Democracia em Vertigem* também não escamoteia seu ponto de vista em subterfúgios de objetividade. A discussão ultrapassada nos estudos de documentário, assumiu certo protagonismo no debate público tendo em vista o sucesso do filme. Ressalta-se que ambos os filmes aqui analisados adotam o discurso em primeira pessoa, ainda que com referências estéticas diferentes. O filme do MBL dialoga principalmente com as práticas discursivas de SRS; já o filme de Costa se inscreve na tradição do documentário subjetivo, ao trabalhar as relações íntimas entre o sujeito que faz o filme e o objeto a ser filmado. A diretora descreve como foi sua relação: "Eu não sabia, antes de começar o filme, que era tão sofrido perder um projeto de país. O trauma e a dor da minha relação com a democracia

foram meu guia nesse filme” (Costa *apud* Castanho, 2019). No corpo do filme, esse posicionamento é claro desde os minutos iniciais: em cena no Palácio da Alvorada, a construção de um clima melancólico apoia-se no passeio lento da câmera pelos espaços grandiosos e vazios do palácio, na trilha sonora e no tom de voz da diretora; ela diz: "Hoje, enquanto sinto o chão se abrir embaixo dos meus pés, temo que a nossa democracia tenha sido apenas um sonho efêmero" (Costa, 2019).

2. 17 de abril de 2016 lado a lado: uma ausência, três votos, e um adendo

Em ambos os filmes a sessão de 17 de abril tem lugar de destaque. O clímax de *Não Vai Ter Golpe!* é a cena do deputado Bruno Araújo (PSDB-PE), com seu voto decisivo para autorizar a abertura de processo contra a presidenta. O filme de Petra Costa divide a sessão da Câmara em dois momentos. No primeiro, seleciona e organiza os argumentos e os votos de diferentes deputados. No segundo, abre um espaço para Jair Bolsonaro e adentra no universo do então deputado. Naquela longa sessão, seu voto foi o mais polêmico e violento, e o filme busca refletir sobre a adesão de grande parte da sociedade brasileira a esse discurso. Ao longo do filme, os recursos audiovisuais são usados para dizer do desajuste provocado pela vertigem diante da recente história do Brasil. Na cena de Bolsonaro, o aspecto sensorial do mal-estar intensifica-se. Há aqui o cruzamento entre a feitura do filme e os acontecimentos históricos em uma interpretação a quente que privilegia as sensações. A montagem final do filme acontecia em meio a campanha presidencial de 2018 e o processo de finalização foi concluído logo após a posse de Bolsonaro como presidente (Finotti, 2020). Não sem razão, no filme de Costa o personagem principal que emerge desse acontecimento é Jair Bolsonaro.

Curioso observar que o ex-presidente não aparece no filme do MBL, o que configura não apenas um descolamento da história, mas mais provavelmente na busca do apagamento das relações difusas entre a militância do MBL e o fortalecimento da extrema-direita no país, que resultou na eleição de Bolsonaro. Quando ambos os filmes são finalizados e lançados, Jair Bolsonaro já era Presidente da República. Em *Democracia em Vertigem*, seu voto no 17 de abril

ganha o destaque que seu papel na história recente do país reivindica. No filme do MBL — e permitam-me fazer o trocadilho com o argumento dos promotores do *PowerPoint* que denunciaram Lula, mas entendo que aqui se aplica com propriedade —, a ausência gritante de um dos personagens principais desse momento histórico é a prova de que Bolsonaro é o elefante na sala que o filme tenta esconder, em uma tentativa de desvincular suas ações, seu histórico e seus métodos das eleições de 2018. No entanto, eleito deputado federal por São Paulo em 2018, um dos cofundadores do MBL, Kim Kataguiri declarou voto em Bolsonaro no segundo turno das eleições presidenciais de 2018 (Bolson, 2018) e defendeu o voto nulo no segundo turno nas eleições de 2022.

De um universo de 511 deputados votantes, *Não Vai Ter Golpe!* selecionou momentos de 20 deputados, sendo 14 votos a favor do impeachment. *Democracia em Vertigem* trabalhou com 17 votantes, dentre os quais 12 foram favoráveis à abertura de processo. Desse universo, apenas três deputados estão presentes nos dois filmes: o então presidente da Câmara dos Deputados Eduardo Cunha (PMDB-RJ), Bruno Araújo (PSDB-PE) e Jean Wyllys (PSOL-RJ). Para mostrar os deputados votando, *Não Vai Ter Golpe!* utiliza as imagens *TV Câmara*, como indica a presença da marca d'água na tela. As modificações principais realizadas pela montagem do filme foram: seleção de trecho de fala, reenquadramento com o objetivo de ampliar a imagem e/ou adaptar a estratégia de montagem em tela dividida, e, por fim, a inserção do placar da votação na parte inferior esquerda da tela. Nos dois filmes as imagens dos votos combinam-se a imagens de manifestantes contrários e favoráveis ao impeachment. *Democracia em Vertigem* utiliza principalmente imagens próprias, produzidas pela equipe no interior do Congresso Nacional, no Palácio da Alvorada e em locais públicos onde se assistia à sessão em telões.

Figura 1 – MBL e o voto nulo



Fonte: Reprodução feita pela pesquisa, em março de 2023, a partir do *Twitter* do deputado federal Kim Kataguiri (União Brasil – SP)

O voto de Eduardo Cunha é mostrado na íntegra pelos dois filmes, mas com estratégias diferentes. *Não Vai Ter Golpe!* mostra o presidente da Câmara em tela cheia e retoma em seguida o esquema de tela dividida que vinha usando na sequência para mostrar a reação de manifestantes nas ruas do país. O acento aqui é na festa em verde e amarelo, garantida pela continuidade sonora mesmo quando mostra o abatimento dos grupos pró-Dilma. *Democracia em Vertigem* multiplica os espaços e as reações ao voto de Cunha. O plano que abre a cena combina sons da Câmara dos Deputados com a imagem de uma manifestante reagindo negativamente à evocação de Deus na fala de Cunha. Em seguida, vemos o telão que transmite a sessão pela *TV Câmara* em praça tomada por manifestantes contrários ao impeachment. Após o voto, enquanto Cunha senta-se e reassume a presidência da sessão, o filme retorna com as imagens do interior do Congresso, imagens que buscam sem êxito encontrar o foco. Os sons do interior do Congresso, que remetem à comemoração dos deputados, ficam assim em desalinho com as imagens vacilantes. *Não Vai Ter Golpe!* é festa; *Democracia em Vertigem* é tensão.

O segundo voto que ambos os filmes mostram é o de Jean Wyllys. Em *Não Vai Ter Golpe!*, a montagem em tela dividida, com a parte esquerda ocupada pelo deputado e a direita pelo ativista do MBL Fernando Holiday, favorece o paralelismo entre ambos, que são de origem periférica e homossexuais. Com essa comparação, o filme mostra a possibilidade de ser negro, periférico, LGBTQIA+ e de direita, e investe na perspectiva de romper com o domínio da esquerda tanto na militância quanto no estabelecimento de pautas específicas dos grupos politicamente minoritários. Vale notar, Holiday é personagem de destaque no filme e aparece como mestre de cerimônia do evento organizado pelo MBL na Avenida Paulista naquele dia.

Dossiê Crises da democracia e desinformação: diagnósticos do tempo presente

<https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 26, n. 1, 2023

DOI: 10.29146/eco-ps.v26i01.28034

Ainda naquele ano, ele seria eleito vereador por São Paulo, na esteira do sucesso do MBL. No entanto, Holiday rompeu com o grupo em janeiro de 2021, alegando querer se dedicar mais às pautas de costumes como a luta contra o aborto e a defesa de uma pauta liberal dos direitos LGBTQIA+ (Fucs, 2021). De modo diverso, no filme de Petra Costa uma parte considerável da fala de Jean Wyllys é preservada e assume o lugar de locutor auxiliar, como descrito pelo professor Jean-Claude Bernardet (2003). Em parte o deputado parece exprimir e resumir a avaliação do próprio filme sobre essa sessão da Câmara. Mas sua fala contribui ainda para qualificar personagens importantes dessa história. No trecho selecionado, o deputado diz: "Eu estou constrangido de participar dessa farsa, dessa eleição indireta, conduzida por um ladrão, urdida por um traidor, conspirador e apoiada por torturadores, covardes, analfabetos políticos e vendidos. Essa farsa sexista. Eu voto não ao golpe. E durmam com essa: Canalhas!" (Wyllys *apud* Costa, 2019). Após a menção a "um ladrão", o filme mostra Eduardo Cunha que mantém um sorriso irônico no rosto enquanto ouve o voto de Wyllys. Procedimento semelhante acontece quando o filme escolhe ficar com a imagem de Jair Bolsonaro, olhar trêmulo e atento ao que imaginamos ser o telão de transmissão de votos, enquanto ouvimos Wyllys: "torturadores, covardes, analfabetos políticos". Inequivocamente *Democracia em Vertigem* religa o voto de Wyllys aos personagens mostrados. Ainda sobre o voto do então deputado pelo PSOL, observo que ambos os filmes eliminam a referência que ele faz aos movimentos sociais "população LGBT, o povo negro exterminado nas periferias, os trabalhadores da cultura, os sem-teto, os sem-terra". No entanto, essa é a fala que lateja em nossas mentes ao observar as figuras de Jean Wyllys e Fernando Holiday lado a lado em *Não Vai Ter Golpe!*.

Figura 2 – Jean Wyllys e Fernando Holiday em paralelo



Fonte: Reprodução feita pela pesquisa, a partir do filme *Não Vai Ter Golpe!*

O terceiro voto presente em ambos os filmes é o que soma a quantidade mínima necessária para autorizar a instauração de processo por crime de responsabilidade contra a presidenta Dilma Rousseff. O filme do MBL preserva a íntegra da fala de Bruno Araújo, mantendo os entrecortes e as interrupções que valorizam a emoção do momento. Há apenas o redimensionamento de quadro das imagens da *TV Câmara*, que amplia a presença do deputado na tela. Este é o clímax do filme e à fala de Araújo se segue uma explosão de festa em tela cheia, com planos abertos que dizem de uma vitória coletiva, e abraços apertados, que marcam a emoção e a entrega de cada um para este momento. Ao áudio da comemoração é sobreposta a fala do apresentador da *Globo* William Bonner anunciando que a Câmara dos Deputados autoriza o prosseguimento do processo de impeachment da presidenta. No filme, a voz de Bonner assume o lugar do anúncio oficial, ao mesmo tempo que uma música mais melódica introduz um clima solene e emotivo, e na tela os abraços dos que comemoram se multiplicam. No filme dirigido por Costa, a cena do voto de Araújo começa em um salão do Palácio da Alvorada. A imagem mostra Dilma no primeiro plano do quadro e a TV com a imagem de Araújo ao fundo, no entorno vários correligionários da presidenta. Os corpos em cena sugerem que se sabe que o jogo já foi jogado. Os pés sobre a mesa de centro, a mão que segura a cabeça e o caminhar com as mãos no bolso indicam que resta apenas esperar por um fim que já se conhece. E assim a figura de Araújo em telão surge como um anticlímax, no momento mesmo em que o deputado fala "na minha voz sai o grito de esperança de milhões de brasileiros" se agitam em comemoração os balões de pato da campanha da Fiesp (Carvalho, 2015). O anúncio oficial do resultado da votação cabe à voz do presidente da Câmara, o então deputado Eduardo Cunha, momento pontuado por uma música melancólica e ao qual logo se seguem imagens de olhares tristes e choro contido. Enquanto no filme do MBL a continuidade sonora garantia o clima de certeza de vitória e festa, na produção de Petra Costa a composição de som ambiente e trilha sonora constrói a sensação de desalento que toma conta das imagens.

Antes de concluir essa reflexão sobre as escolhas dos filmes em torno dos votos dos deputados, gostaria de fazer um adendo. A sequência do 17 de abril no filme *Democracia em Vertigem* inicia com imagens dos corredores do congresso e sons de gritos "impeachment". Logo vemos um grupo de deputados favoráveis à abertura de processo contra a presidenta, em que se destaca o deputado Bruno Araújo, numa piscadela ao futuro próximo. Mas o adendo refere-se a figuras que aparecem mais ao fundo e misturam-se aos deputados. Identifico nesse plano os integrantes do MBL Renan Santos e Rubens Nunes. Grupo semelhante encerra a sequência. Eles descem as escadas e chegam à garagem cantando "adeus PT, adeus PT". Nesses planos finais vemos ainda Kim Kataguirí. A presença das lideranças do MBL no Congresso chama a atenção por dois aspectos. De partida por não haver nenhuma menção a isso no filme do MBL, nem imagens exclusivas, nem falas dos líderes sobre o que viram e viveram ali. Mas também, porque sabemos pela imprensa que o acesso àquela sessão foi rigidamente controlado e que os rapazes entraram de forma irregular. Segundo reportagem publicada no *UOL*, os deputados Darcísio Perondi (PMDB-RS) e Pauderney Avelino (DEM-AM) facilitaram o acesso dos três (Líderes..., 2016). Nota-se ainda que ambos os deputados teriam sido recompensados com a aparição no filme do MBL.

3. A destituição de Dilma Rousseff e os projetos de país em cena

Um segundo ponto que me interessa nesse exercício de comparação entre os filmes diz respeito aos modos de organizar as justificativas e os argumentos para a destituição da presidenta Dilma Rousseff. Observa-se que das falas dos deputados apresentadas em plenário emergem projetos de país. A análise fílmica busca compreender como os argumentos selecionados pelos filmes foram organizados e como eles se articulam com o debate público em torno de projetos de país em disputa.

O filme do MBL parte do pressuposto do protagonismo do grupo na destituição de Dilma Rousseff. Nessa direção, abraça-se a simplicidade da análise conjuntural e se enfraquece o papel dos demais atores nesse processo, ao mesmo tempo em que se faz o apagamento dos fenômenos que de algum modo perturbariam a narrativa épica e o tom laudatório que o filme

assume. O filme organiza-se em nove capítulos, e a sequência dedicada ao 17 de abril compõe o capítulo final cujo título é "o parto". O filme dedica sete minutos e 12 segundos especificamente aos acontecimentos ao dia, começando a sequência com o solo de guitarra de Lobão na Avenida Paulista e encerrando com a entrevista do economista Hélio Beltrão. A montagem valoriza os movimentos de rua pró-impeachment, em especial o que se passa no palco do MBL e em seu entorno. Quando inicia a votação na Câmara dos Deputados, o filme usa a tela dividida para promover o diálogo e a comparação entre três momentos-lugares: a votação em Brasília, a reação dos manifestantes pró-impeachment e a reação dos manifestantes contra o golpe. Observa-se que há uma continuidade sonora permanente que evoca alegria e comemoração, valorizando desde o início a certeza da vitória dos grupos pró-impeachment. Ao mesmo tempo, essa construção sonora intensifica a percepção da derrota dos grupos contra o golpe, que não ganham no filme tratamento sonoro próprio nem chegam ocupar inteiramente a tela com imagens de sentido neutro ou positivo. Desse modo a construção formal tece uma relação simplista e favorece o dualismo: negativo x positivo, certo x errado, bem x mal. E isso diz muito do debate que foi promovido com objetivo de desqualificar a presidenta e promover a tese do impeachment. Essa visão dicotômica do processo foi fundamental para a construção da polarização no debate. O polo positivo é associado às ideias de "esperança", "futuro", "amor à Pátria" e "defesa da constituição", em contraposição direta ao "não ao golpe" recorrente nos votos contrários à abertura do processo.

A certeza da vitória constrói-se desde o primeiro voto contrário à tese do impeachment mostrado no filme, o voto de Afonso Motta (PDT-RS). Na metade de sua fala, as imagens da Avenida Paulista são substituídas pelas de manifestantes contrários à abertura do processo. No confronto de imagens, a estratégia é a oposição entre clareza e escuridão, certeza e apreensão, vitória e derrota. Para construir a ideia da derrota, o filme aposta nos seguintes procedimentos formais: os planos foram filmados preferencialmente no fim da tarde ou à noite, resultando em imagens mais escuras; os enquadramentos abertos exploram os espaços vazios, pouco valorizam os rostos e, quando os mostram, ressaltam expressões apreensivas, sem confiança na vitória; já os momentos de comemoração são mostrados apenas à distância. Em contraste, as imagens dos manifestos a favor dizem de uma explosão de alegria na tela, seja nos planos

próximos que preenchem o quadro com expressões de comemoração ou nos planos mais abertos com tendência a serem mais claros e criarem a imagem do "mar verde e amarelo", cores predominantes nas manifestações favoráveis ao impeachment.

O filme do MBL apresenta os votos em ordem cronológica e destaca das falas principalmente o posicionamento final, deixando pouco espaço para as justificativas. Desse modo, os trechos destacados não configuram uma defesa jurídica em torno da argumentação pró-impeachment, mas apontam uma necessidade transcendental, sem a qual o futuro do país estaria comprometido. Nesse contexto, as falas, repetidas como um *leitmotiv* "não ao golpe", surgem como uma tentativa de bloqueio de um porvir glorioso. A continuidade sonora da sequência, que reforça a presença dos grupos favoráveis à destituição da presidenta, corrobora a tese da centralidade da saída de Dilma e do PT do governo para que o país tome o que acreditam ser o "rumo certo".

Há uma linha de continuidade entre os argumentos apresentados no filme e o debate público manejado por atores da direita brasileira naquele momento. Destaca-se em particular a tendência à simplificação de problemas e soluções: o problema é o PT e a solução é destituir Dilma. Como nos lembra Debora Messenberg (2017, p. 635): "A eleição de 'bodes expiatórios' é um dos mais tradicionais mecanismos políticos para amenizar o ódio e as frustrações de parcelas da sociedade, que se veem ameaçadas diante daquilo que sentem como agressões ao mesmo tempo difusas e brutais ao seu mundo". Esse expediente é descrito na literatura como "mito do complô" e torna mais fácil a compreensão de mecanismos complexos, ao mesmo tempo em que mobiliza em termos de vigilância e militância contra o inimigo nomeado. A pesquisadora demonstra como os principais articuladores da nova direita apelaram ao "mito do complô" para construir e difundir uma cosmovisão que se apoia em três pilares discursivos: antipetismo, conservadorismo moral e princípios neoliberais. Esses são elementos retomados no corte proposto por *Não Vai Ter Golpe!*: a esperança, o futuro do país e a decência moral dependem do impeachment da presidenta e da prisão de líderes do PT, como podemos observar na tabela 1 que traz a transcrição dos votos favoráveis a abertura de processo contra Dilma Rousseff, como recortados para o filme do MBL.

Tabela 1 - Transcrição de votos “sim” em *Não Vai Ter Golpe!*

DEPUTADO	Trecho do voto utilizado no filme
Washington Reis PMDB-RJ	— Voto a favor.
Darcísio Perondi PMDB-RS	— ...mais esperança para os brasileiros, voto “sim”.
Jerônimo Goergern PP-RS	— Pelo Rio Grande e pelo Brasil, “sim” ao impeachment.
Nelson Marchezan PSDB-RS	— Pela nossa constituição, o meu voto só poderia ser e será “sim” ao impeachment da presidente Dilma.
Onyx Lorenzoni DEM-RS	— É “sim” de esperança num novo futuro pro nosso Brasil.
Wladimir Costa SD-PA	— E coloca a mão para cima, coloca a mão para cima.
Paulo Martins PSDB-PR	— Pelo povo que foi às ruas do Brasil de Verde e Amarelo, por um Brasil livre do PT, pelo Paraná, pela República de Curitiba eu voto “sim”.
Pauderney Avelino DEM-AM	— Pelo meu Amazonas, o voto é “sim”.
Rogério Rosso PSD-DF	— Meu voto é “sim”.
Carlos Sampaio PSDB-SP	— Para que a descência se sobreponha a esse governo, moralmente desonesto, o meu voto “sim”.
Eduardo Cunha PMDB-RJ	— Que Deus tenha misericórdia dessa nação. Voto “sim”.
Sóstenes Cavalcante DEM-RJ	— Pelos movimentos sociais MBL, Vem Pra Rua, Revoltados Online e todos os outros, Lula e Dilma na cadeia. Voto “sim” ao impeachment Sr. presidente.
Odelmo Leão PP-MG	— o meu voto é ‘sim’.
Bruno Araújo PSDB-PE	— Sr. presidente... Por favor, eu quero.... Quanta honra (Eduardo Cunha: Vou pedir para baixar aqui...) — Quanta honra o destino me reservou de poder... Quanta honra honra o destino me reservou de poder da minha voz sair o grito de esperança de milhões de brasileiros. Senhoras e senhores Pernambuco nunca faltou ao Brasil. Carrego comigo nossas histórias de luta pela liberdade e pela democracia. Por isso e digo ao Brasil “sim para o futuro!”.

Fonte: Elaboração desta pesquisa.

Democracia em Vertigem segue por outro caminho para organizar a montagem, priorizando estabelecer sentidos coerentes a seguir uma cronologia. Duas sequências mostram os votos do 17 de abril, uma faz a síntese da sessão, e a outra é dedicada a Jair Bolsonaro. A sequência de síntese se divide em quatro movimentos que apresentam os principais

Dossiê Crises da democracia e desinformação: diagnósticos do tempo presente

<https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 26, n. 1, 2023

DOI: 10.29146/eco-ps.v26i01.28034

argumentos mobilizados na destituição de Dilma, e a figura da presidenta funciona como um fio a religar os diversos elementos. O primeiro movimento é chamar a atenção para o discurso conservador que evoca pátria, família e religião para justificar o voto favorável ao impeachment. O segundo movimento apresenta o argumento dos que defendem que a destituição configura um golpe parlamentar uma vez que não há crime de responsabilidade. Em seguida, o filme sublinha os ânimos acirrados e as trocas de acusações que marcaram o período. Por fim, tem-se o voto de Bruno Araújo que sela a vitória dos agrupamentos pró-impeachment.

O filme entrelaça imagens do plenário e das praças públicas com as da sala do Palácio da Alvorada, onde Dilma assiste à votação pela *TV Câmara*. Nestas imagens da presidenta, chama atenção seu isolamento. No plano que abre a sequência, ela está no centro do quadro e destacam-se sua figura e o aparelho de televisão emoldurados por distintos grupos que acompanham a sessão da Câmara. A figura do isolamento constrói-se nos demais planos da sequência e ao final ela está recostada no sofá com os pés apoiados na mesa de centro. Ela observa, descansa, distrai-se mexendo nas unhas. O enfrentamento que se dá no plenário da Câmara Federal e nas ruas do país é acompanhado por Dilma com atenção e silêncio, e assim o filme compõe o isolamento vivido pela presidenta. Apenas após o voto que sela a abertura do processo, esse estado é rompido pelo abraço do ex-presidente Lula. Sua solidão em relevo é a tradução audiovisual das dificuldades políticas enfrentadas. Algumas cenas antes, o senador Roberto Requião (PMDB-PR) argumentava que ela brigou com todo mundo: parlamento, judiciário, mercado, tribunal de contas e mesmo com os eleitores. O resultado político dessa inabilidade impactou no processo de impeachment. No filme, esse aspecto é retomado com a construção formal do isolamento de Dilma, seja pela gravidade de sua expressão em *close* ou pelo recuo de seu corpo que busca conforto no sofá.

Figura 3 – Dilma Rousseff assiste ao voto de Bruno Araújo



Fonte: Reprodução feita pela pesquisa, a partir do filme *Democracia em Vertigem*.

Ao lado do isolamento da presidenta, outro aspecto destacado no filme é o retrocesso conservador expresso nas falas dos deputados que votaram a favor da abertura do processo de impeachment. Aspecto ressaltado no primeiro movimento de montagem desta sequência, e no qual me detenho. Observo o peso que o filme atribui ao conservadorismo, uma vez que oito dos dezesseis votos selecionados para a sequência correspondem a essa justificativa. Figuram aqui os votos de políticos de expressão daquele período como o do então presidente da Câmara Eduardo Cunha e o do pastor Marco Feliciano (PSC-SP). Mas, ao relacionarem Dilma a ameaças à pátria, à família e à religião, são os políticos de menor expressão nacional que dão o tom à tese que sairá vitoriosa ao final da sessão. O personagem principal desse trecho é o deputado Eder Mauro (PSD-PA). Um perfil do deputado e ex-delegado publicado na *Repórter Brasil* apresenta Mauro como assassino confesso, que utiliza em suas campanhas o "tom moralista" e "pretensão de justiceiro" para angariar votos, em complemento atua contra o meio ambiente e os povos do campo, e também se destaca como apoiador de Bolsonaro (Camargos, 2022). No filme, sua fala soa como a amplificação dos argumentos e procedimentos que vinham se intensificando no país e foram decisivos nas eleições de 2018: o pânico moral e a *fake news*. A cena dura 20 segundos e é formada por cinco planos que religam os diferentes afetos e

Dossiê Crises da democracia e desinformação: diagnósticos do tempo presente

<https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 26, n. 1, 2023

DOI: 10.29146/eco-ps.v26i01.28034

interesses ali mobilizados, ao mesmo tempo que mostra como a população foi envolvida, como sugere o *close* em uma mulher que ouve e comemora com sincera emoção o voto do deputado.

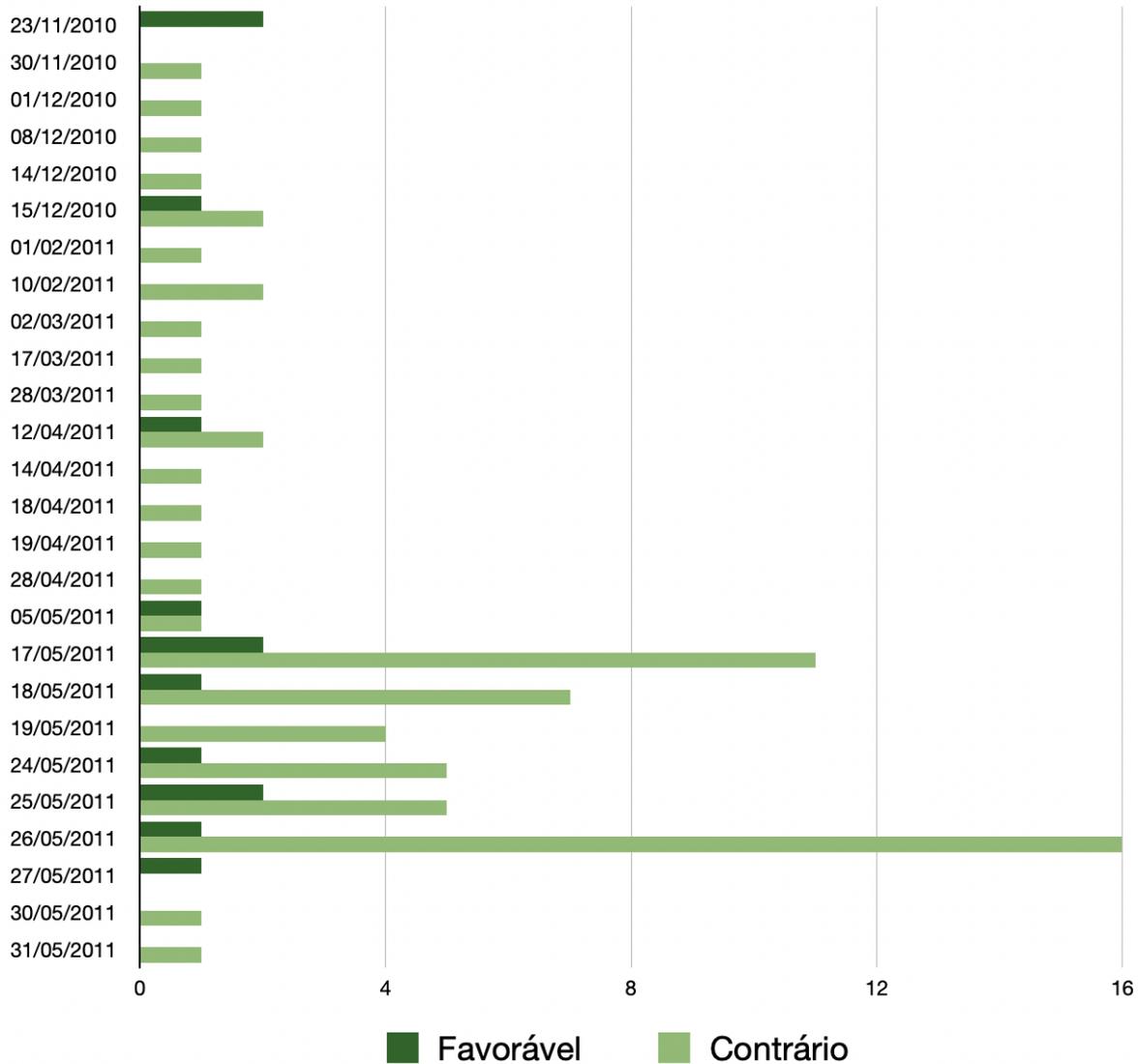
O filme preserva quase integralmente a fala do deputado, cortando apenas a referência ao seu estado de origem. Diz ele no trecho do filme (2019): "Em nome do meu filho Eder Mauro, de quatro anos, e do Rogério, que junto com a minha esposa, formamos a família do Brasil, que tanto esses bandidos querem destruir com proposta de que criança troque de sexo e aprenda sexo na escola com seis anos de idade. Eu voto sim". Observa-se nessa linha argumentativa a defesa da família heteronormativa como sendo a única possibilidade de família, e que justificaria o combate contra o que se prega ser uma política educacional do governo. Esse aspecto foi reforçado por dois artifícios que ajudam a destacar a disputa moral que estava sendo travada no Congresso. Primeiro, com a supressão da referência ao lugar de origem, o filme reforça a centralidade argumentativa da defesa da família heteronormativa, ao que se contrapõem "esses bandidos", em alusão ao governo mas também, por extensão, às esquerdas em geral, assim como a certos segmentos liberais da sociedade. Segundo, o filme confirma e expande essa centralidade ao criar um efeito de eco nos três votos seguintes, que com mínimas variações repetem a sentença "por minha família".

A mentira que ficou conhecida como "kit gay" se propagou a partir da contrapropaganda do projeto Escola sem Homofobia, parte do Programa Brasil Sem Homofobia (2004) que apresenta o combate à violência e à discriminação como um passo importante para a construção de uma cultura de paz. Como parte do programa foi proposto em 2010 o *Kit de Combate e Prevenção à Homofobia*, material de apoio didático destinado às escolas de Ensino Médio, e que não seria de utilização obrigatória (Oliveira Júnior e Maio, 2017). Coube ao deputado Jair Bolsonaro nomear o material de "kit gay" e iniciar a contrapropaganda relacionando o projeto a ações e materiais enganosos. A oposição se apropriou desse discurso, estabelecendo um dispositivo de pânico moral que seria utilizado contra o PT especificamente e as esquerdas em geral.

Na busca por compreender como o parlamento brasileiro passa a associar a presidenta Dilma a uma ameaça à família, especialmente como surge essa referência a "aulas de sexo nas escolas infantis", interessei-me pela discussão em torno do projeto Escola sem Homofobia.

Principalmente, busquei compreender como se deu a construção da mentira *kit gay* que esteve no subtexto de muitos argumentos a favor do impeachment, que ganhou protagonismo nas eleições de 2018 (Arantes *et al.*, 2021) e ainda circulou nas eleições de 2022. Com esse objetivo, pesquisei os arquivos dos discursos proferidos em plenário pelos deputados entre os dias 01 de novembro de 2010 e 31 de maio de 2011, período que antecede de poucos dias a apresentação do projeto no Congresso e sucede seu cancelamento pela presidenta Dilma Rousseff em 25 de maio de 2011. A busca se deu pelas entradas "homofobia" e "kit gay", e retornou 47 Diários da Câmara dos Deputados, que foram analisados, descartando-se os que não se referiam de modo claro ao projeto. A primeira menção foi no dia 23 de novembro de 2010, quando as deputadas Fátima Bezerra (PT-RN) e Manuela d'Ávila (PCdoB-RS) comunicaram a realização do Seminário Escola sem Homofobia, que aconteceria naqueles dias de novembro, entre 23 e 25, na Câmara dos Deputados, promovido em parceria pela Comissão de Legislação Participativa, Comissão de Educação e Cultura e a Comissão de Direitos Humanos, juntamente com representantes do movimento LGBT. A última fala foi do deputado Silas Câmara (PSC-AM), que apresentou um manifesto organizado pela Ordem dos Ministros Evangélicos do Amazonas no qual constava não ser "direito individual de grupo ou pessoa" a "distribuição de kit gay nas escolas" e "o poder público tem é que promover a boa ordem social, não estimular ou patrocinar interesses de pessoas ou grupos isolados". Vê-se como em um espaço de seis meses o discurso em defesa da inclusão e da cultura de paz foi transformado em combate a favor da família heteronormativa. O Gráfico 1 mostra a medida do debate.

Gráfico 1 – Debate Escola sem Homofobia na Câmara dos Deputados



Fonte: Elaboração desta pesquisa.

Ao observar o gráfico, imediatamente nota-se a atuação destacada dos deputados contrários à confecção e à distribuição dos kits nas escolas, que foram mais constantes e em maior número. A leitura das falas dos deputados ainda revelaria nuances importantes: não há nenhuma manifestação contundente em defesa do projeto, nem mesmo um esclarecimento consistente sobre a elaboração, a destinação e os modos de utilização do material. Uma das falas mais lúcidas nesse sentido foi do deputado Chico Alencar (PSOL, RJ), ainda no dia 15 de dezembro, e antes de a polêmica ganhar corpo no plenário e na mídia: "O deputado Bolsonaro

Dossiê Crises da democracia e desinformação: diagnósticos do tempo presente

<https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 26, n. 1, 2023

DOI: 10.29146/eco-ps.v26i01.28034

está totalmente desinformado, porque o MEC (...) está propondo corretamente um trabalho pedagógico com professores, voltado ao combate à homofobia". Neste início de debate, Jair Bolsonaro foi a voz solitária que iniciou a campanha contra o projeto, subiu à tribuna cinco vezes em 2010. Seu primeiro discurso, em 30 de novembro de 2010, deu o tom do debate que seria encampado no ano seguinte por outros deputados: "Atenção, pais de alunos de sete, oito, nove e dez anos, da rede pública: no ano que vem, seus filhos vão receber na escola um kit intitulado *Combate à Homofobia*. Na verdade, é um estímulo ao homossexualismo, à promiscuidade" (Bolsonaro, 2010, p. 47958). É possível reconhecer a similaridade argumentativa desta, com a fala do deputado Eder Mauro destacada em *Democracia em Vertigem*.

Esse discurso conecta-se com a escalada da chamada "Ideologia de gênero", mobilizada pela direita e extrema-direita no combate aos avanços teóricos e de direitos civis de grupos políticos minoritários, e apoiada em técnica de espalhamento de pânico moral (Miguel, 2021). Jair Bolsonaro ganhou notoriedade apoiando-se nesse tipo de técnica, e o caso do kit gay mostrou-lhe um caminho para se converter em uma das faces mais visíveis desse grupo. No plenário, ele usou o termo pela primeira vez na abertura dos trabalhos do legislativo em 01 de fevereiro de 2011: "Jovens parlamentares, este ano escolas públicas de primeiro grau estão distribuindo um kit gay de estímulo ao homossexualismo e à promiscuidade, com a participação desta Casa" (Bolsonaro, 2011, p. 120). Após o cancelamento do projeto e enquanto festejavam, diferentes deputados citaram em seus pronunciamentos a centralidade de Bolsonaro nesse debate. Em seu voto de 17 de abril, Bolsonaro voltou a falar na "inocência das crianças em sala de aula". As ideias conservadoras e moralistas já haviam sido contempladas em diferentes votos e *Democracia em Vertigem* escolhe ressaltar outro viés do já candidato à presidência da República: seu vínculo com a ditadura civil-militar e o aspecto complotista de seu discurso. No filme, diz Bolsonaro (*apud* Costa, 2019): "Perderam em meia-quatro. Perderam agora em 2016. Contra o comunismo, pela nossa liberdade, contra o Foro de São Paulo, pela memória do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff!". O posicionamento do filme afirma-se pelo aspecto melancólico que assume no uso de diferentes

recursos, com destaque para a construção de climas por meio da narração em *voz-over*, da música e do uso de frequência sonora que suscita grande incômodo.

Conclusão

Ao colocar os filmes lado a lado observamos alguns pontos de aproximação que, no entanto, partem de referências estéticas diferentes e constroem dessemelhanças. Ambos os filmes trabalham o apelo emotivo como uma forma de atribuir significado às histórias que contam. *Não Vai Ter Golpe!* ressignifica no filme a experiência vinda da internet (filmes caseiros, memes, lacração) ao que acrescenta entrevistas e imagens de arquivos. Na sequência analisada, isso aparece nos diálogos que se formam em tela dividida, na prevalência da certeza da vitória, na aposta na dicotomia "bem x mal". O apelo emotivo em *Democracia em Vertigem* remete a duas tradições cinematográficas, o cinema subjetivo e aspectos do melodrama. Contribuem para a sensação de vertigem as imagens lentas filmadas com drone, a trilha e os efeitos sonoros, o tom da narração na voz de Petra Costa. Assim, para além do que é dito e mostrado, o apelo emotivo marca a interpretação que os filmes atribuíram aos acontecimentos.

Ambos os filmes apresentam a ideia de Dilma Rousseff e do Partido dos Trabalhadores como uma ameaça. O filme do MBL adere a essa tese e apresenta dois argumentos principais: o combate à corrupção e a crítica à visão econômica dos governos do PT. Em sua construção do 17 de abril, investe na ideia de que o futuro do país depende da saída de Dilma e do PT do governo. Mas apesar de sua longa duração, o filme dedica pouco tempo a aprofundar seus argumentos e prevalece uma classificação dicotômica da história narrada. Diferentemente, o filme de Costa se pergunta que tipo de ameaça representam a presidenta e seu partido. Ao longo do filme surgem diferentes hipóteses, e na sessão da Câmara o argumento moral emerge como central. *Democracia em Vertigem* apresenta a ideia da ameaça, não para concordar, como acontece em *Não Vai Ter Golpe!*, mas para problematizar e mesmo discordar.

O debate público em torno da recente história do Brasil aparece nos filmes em clivagens díspares. O espaço dado por *Democracia em Vertigem* a Eder Mauro e Jair Bolsonaro é central na justificativa que o filme oferece quanto ao temor de ver o poder político do Brasil ser ocupado pela extrema-direita. *Não Vai Ter Golpe!* apoia-se na ideia de polarização e adere a

uma visão dicotômica da História. Hoje, enquanto concluo este artigo, importantes episódios juntaram-se a esse debate. Lula foi eleito para um terceiro mandato em 30 de outubro de 2022, com 50,90% dos votos válidos, enquanto Jair Bolsonaro ficou 49,10%. O resultado apertado indica que a extrema-direita permanece forte e ativa no país. Nessa mesma direção apontam os ataques de 08 de janeiro de 2023, quando as sedes dos três poderes foram invadidas e depredadas por apoiadores do candidato derrotado. Que novos filmes venham contribuir, tão próximos dos corpos em situação, com novos esboços dessa história em construção.

Referências

- AMARAL, Marina. “A nova roupa da direita”. *Agência Pública: Agência de Jornalismo Investigativo*, 23 jun. 2015. Disponível em: <<https://apublica.org/2015/06/a-nova-roupa-da-direita/>>. Acesso em: 15 maio 2023.
- BALIEIRO, Fernando de Figueiredo. Uma sociologia do escândalo da Mostra Queermuseu: disputas de enquadramento midiático entre o jornalismo profissional e o Movimento Brasil Livre. *Sociedade e Estado* v. 37, n. 2, p. 551–573, 2022.
- BERNARDET, Jean-Claude. *Cineastas e imagens do povo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- BETIM, Felipe. “‘Democracia em vertigem’ reacende rancores que se arrastam desde 2014”. *El País Brasil*. 7 fev. 2020. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/cultura/2020-02-07/indicacao-ao-oscar-de-democracia-em-vertigem-reacende-rancores-politicos-que-se-arrastam-desde-2014.html>>. Acesso em: 15 maio 2023.
- BOBBIO, Norberto. *Dicionário de política*. 2 vols. Brasília: Universidade de Brasília, 1998.
- BOLSON, Bibiana. “Eleito deputado federal, Kim Kataguirí declara ‘voto útil’ em Bolsonaro”. *UOL Eleições 2018*. 7 out. 2018. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/2018/10/07/eleito-deputado-federal-kim-kataguiri-declara-voto-util-em-bolsonaro.htm>>. Acesso em: 15 maio 2023.
- BOLSONARO, Jair. República Federativa do Brasil: diário da câmara dos deputados. Diário da Câmara dos Deputados. 01 dez. 2010, p. 47957-47958. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/internet/sitaqweb/resultadoPesquisaDiscursos.asp?txOrador=bolsonaro&txPartido=&txUF=&dtInicio=30%2F11%2F2010&dtFim=30%2F11%2F2010&txTexto=&txSumario=&basePesq=plenario&CampoOrdenacao=dtSessao&PageSize=50&TipoOrdenacao=DESC&btnPe>> Acesso em: 08 fev. 2023.

BOLSONARO, Jair. República Federativa do Brasil: diário da câmara dos deputados. Diário da Câmara dos Deputados. 02 fev. 2011, p. 119-121. Disponível em:

<<https://www.camara.leg.br/internet/sitaqweb/resultadoPesquisaDiscursos.asp?txOrador=bolsonaro&txPartido=&txUF=&dtInicio=01%2F02%2F2011&dtFim=01%2F02%2F2011&txTexto=&txSumario=&basePesq=plenario&CampoOrdenacao=dtSessao&PageSize=50&TipoOrdenacao=DESC&btnPe>>

Acesso em: 08 fev. 2023.

BRODBECK, Pedro de Souza Lima; PRUDENCIO, Kelly Cristina de Souza. Liberais ao estilo populista: a argumentação do MBL no YouTube. *Media & Jornalismo [S. l.]*, v. 22, n. 40, p. 261-281, 2022.

CAMARGOS, Daniel. “Matei mesmo’: deputado mais antiambiental do Pará tenta reeleição com clichê bolsonarista”. *Repórter Brasil*. 21 set. 2022. Disponível em:

<<https://reporterbrasil.org.br/2022/09/matei-mesmo-deputado-mais-antiambiental-do-para-tenta-reeleicao-com-cliche-bolsonarista/>>. Acesso em: 15 maio 2023.

CARVALHO, Laura. “Quem paga o pato?”. *Folha de São Paulo*. 17 dez. 2015. Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/laura-carvalho/2015/12/1720044-quem-paga-o-pato.shtml>>. Acesso em: 15 mai. 2023.

CASTANHO, Laura. “Náusea e dor foram guia para ‘Democracia em Vertigem’, diz diretora”. *Folha de São Paulo*. 25 jun. 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/06/nausea-e-dor-foram-guia-para-democracia-em-vertigem-diz-diretora.shtml>>. Acesso em: 15 maio 2023.

FERRO, Marc. *Cinema e História*. Trad. Flávia Nascimento. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FINOTTI, Ivan. “Montagem de documentário brasileiro indicado ao Oscar teve 15 editores e levou anos”. *Folha de São Paulo*. 13 jan. 2020. Disponível em:

<<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/01/montagem-de-documentario-brasileiro-indicado-ao-oscar-teve-15-editores-e-levou-dois-anos.shtml>>. Acesso em: 15 maio 2023.

FIORI ARANTES, Pedro; BARBOZA, Isabel; OKUMA, André & VILAS BOAS, Alexandre. Assombro, transgressão e falsificação na estética de combate bolsonarista: Armas discursivas e produção visual na vitória da extrema-direita em 2018. *Revista Eco-Pós*, v. 24, n. 2, p. 90-123, 2021.

FRANÇA, Andrea & MACHADO, Patrícia. Imagens que assombram – o efeito impeachment no cinema documental. *Cinética* (blog). 10 de julho de 2019. Disponível em:

<<http://revistacinetica.com.br/nova/impeachment-andrea-patricia/>>. Acesso em: 15 maio 2023.

FUCS, José. “O combate ao aborto e a causa LGBT não são bandeiras do MBL’, diz Holiday [29/01/2021]”. *UOL Notícias*. 29 jan. 2021. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2021/01/29/o-combate-ao-aborto-e-a-causa-lgbt-nao-sao-bandeiras-do-mbl.htm>>. Acesso em: 15 mai. 2023.

LAGNY, Michèle. Imagens audiovisuais e história do tempo presente. *Revista Tempo e Argumento* (Florianópolis), v. 4, n. 1, p. 23-44, 2012.

LEPRI, Adil Giovanni. O audiovisual pervasivo do Movimento Brasil Livre nos Sites de Redes Sociais. *Logos [S.l.]*, v. 27, n. 1, p. 89-106, 2020.

LÍDERES do MBL entram na Câmara com crachás dados de forma irregular por oposição. 16 abr. 2016. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2016/04/16/lideres-do-mbl-entram-na-camara-com-crachas-dados-de-forma-irregular-por-oposicao.htm>>. Acesso em: 15 maio 2023.

LINDEPERG, Sylvie. *La voie des images : quatre histoires de tournage au printemps-été 1944*. Paris: Verdier, 2013.

MARSIGLIA, Ivan. Indicação do documentário político de Petra Costa ao Oscar incendeia o Twitter. *Folha de S. Paulo*. 13 jan. 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/ivan-marsiglia/2020/01/indicacao-do-documentario-politico-de-petra-costa-ao-oscar-incendeia-o-twitter.shtml>>. Acesso em: 15 maio 2023.

MESENBERG, Débora. A direita que saiu do armário: a cosmovisão dos formadores de opinião dos manifestantes de direita brasileiros. *Sociedade e Estado* v. 32, n. 3, p. 621-648, 2017.

MIGUEL, Luis Felipe. O mito da 'ideologia de gênero' no discurso da extrema direita brasileira. *Cadernos Pagu*, n. 62, p. e216216, 2021.

MIGUEZ, Luiza. O MBL vai ao cinema. *Revista Piauí* (blog). Out. 2019. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-mbl-vai-ao-cinema/>>. Acesso em: 15 maio 2023.

NEGRETTI, Natalia; SEGURADO, Rosemary & CHICARINO, Tathiana Senne. Grafias de Vertigem: política e emoções. *Aurora. Revista de Arte, Mídia e Política* v.12, n. 36, p. 6-30, 2020.

OLIVEIRA JÚNIOR, Isaias Batista de & MAIO, Eliane Rose. 'Não vai ser permitido a nenhum órgão do governo fazer propaganda de opções sexuais': o discurso inaugural no 'desagendamento' do kit gay do MEC. *Revista e-Curriculum* v. 15, n. 1, 2017, p. 125-152.

PRANDI, Reginaldo & CARNEIRO, João Luiz. EM NOME DO PAI: justificativas do voto dos deputados federais evangélicos e não evangélicos na abertura do impeachment de Dilma Rousseff. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* v. 33, n. 96, 2017, e339603.

RENOVAÇÃO liberal: a associação familiar para onde vai o dinheiro do MBL. *El País Brasil*. 30 set. 2017. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/26/politica/1506462642_201383.html>. Acesso em: 15 mai. 2023.

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. *Portal da Câmara do Deputados*. Brasília, 2023. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/>>. Acesso em: 08 fev. 2023

RODRIGUES, Laécio Ricardo de Aquino. Notas sobre o documentário contemporâneo. *Revista FAMECOS [S. l.]*, v. 27, n. 1, p. e35896, 2020.

SORLIN, Pierre. *Sociologie du cinéma: ouverture pour l'histoire de demain*. Paris: Aubier, 1977.

Dossiê Crises da democracia e desinformação: diagnósticos do tempo presente

<https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 26, n. 1, 2023

DOI: 10.29146/eco-ps.v26i01.28034

TAVARES, Juliano Vasconcelos Magalhães & PIRES, Teresinha Maria de Carvalho Cruz. Combate bolsonarista no front cultural: estratégia política de deslegitimação de fatos representados em Democracia em vertigem. *RuMoRes [S. l.]*, v. 16, n. 32, p. 197-220, 2022.

Filmes

DEMOCRACIA em vertigem. Direção: Petra Costa. Produção de Joanna Natasegara, Shane Boris e Tiago Pavan. São Paulo: Busca Vida Filmes; Violet Filmes, 2019. (121min)

NÃO VAI TER golpe! O nascimento de uma nação livre. Direção, roteiro e produção: Alexandre Santos e Fred Rauh. São Paulo: MBL Filmes, 2019. (134min)

Daniela Dumaresq – Universidade Federal do Ceará - UFC

Doutora em Sociologia. Pós-Doutoranda na Université Paris 1 Panthéon-Sorbonne. Professora associada do Curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Federal do Ceará.

Email: danieladumaresq@ufc.br